

The Great Gatsby: etnia e classe social

RESUMO

Loiva Slete Vogt

loiva.vogt@feliz.ifrs.edu.br

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Feliz, Rio Grande do Sul, Brasil.

A literatura molda comportamentos sociais, bem como a classificação socio-ideológica em categorias como gênero, classe social e etnia. Essas representações potencialmente alimentam ou questionam preconceitos em relação à identificação provocada em leitor(a)s. Nesse contexto, analiso o romance norte-americano *The Great Gatsby* que marcou os anos 1920 como uma obra representativa da cultura de classe média-alta nos Estados Unidos. Embora seus personagens sejam predominantemente brancos, o romance reflete uma sensibilidade na percepção de diferenciações no modo com que diferentes grupos sociais encontram seus espaços no universo extradiegético. Há uma tensão narrativa envolvendo classe social, etnias e poder, categorias que serão analisadas conforme pressupostos dos Estudos Culturais (HALL, 2003) através de uma revisão bibliográfica sobre a temática. Segundo Handley *"Fitzgerald's Americans are highly conscious of ethnic and class differences"* (2002, p. 161). Observa-se que o romance apresenta uma caracterização identitária que é projetada como ideal e expressa um desconforto frente à presença de outras culturas e formações identitárias que não pertencem ao universo branco, masculino, heterossexual e americano de classe média-alta. Os olhos do romance são os do narrador Nick e é o seu ponto de vista que prevalece. É de fundamental importância observar seu modo de articular a narrativa, para tanto, a primeira parte do artigo trata sobre questões relacionadas à etnia e a segunda aborda a classe social como categoria de análise. Conclui-se comprovando que, no romance, há a idealização de um determinado padrão referente à etnia e classe social, categorias que aparecem vinculadas à representação de espaço no romance.

PALAVRAS-CHAVE: The Great Gatsby. Etnia. Classe social. Gênero.

INTRODUÇÃO

A literatura testemunha conflitos sociais e pode ser utilizada para articular julgamentos através de seu potencial retórico e estético. Desse modo, leitores possuem a chance de participar das vidas de personagens imaginários que configuram uma determinada imagem para a alteridade. O Grande Gatsby de Scott Fitzgerald pode ser analisado nesse contexto como uma obra em que o pertencimento de personagens a determinados espaços sociais determina seus destinos e cria uma ficção a respeito do modo em que o espaço extradiegético da narrativa é processado pelos nossos sentidos.

O romance de Fitzgerald desmistifica a idealização da sociedade americana, marcada por uma busca por estabilidade econômica além de status. Quanto aos personagens, temos o milionário Tom Buchanan e sua esposa Daisy. O milionário empreende esforços para manter cada um em “seu lugar”, ou seja, em sua posição social determinada pelo nascimento. Seu universo está baseado em um senso social de pertencimento a espaços de segregação que também envolvem a questão racial, incorporando, assim, um modelo de imperialismo. Gatsby aparece como seu antagonista. É o jovem milionário que esconde a origem de sua fortuna por estar associada a operações ilícitas. Seu propósito é “corrigir seu passado” de modo em que apague sua origem humilde para poder entrar no universo social de Tom. Do outro lado da escala social apresentada no romance, há o casal George Wilson e Myrtle que é descrita como a amante de Tom. Vivem no Vale das Cinzas, localizado no caminho entre a cidade de Nova York e as mansões de Long Island. Temos, portanto, os personagens Gatsby, Myrtle e o narrador Nick que buscam por ascensão social. Nick é um cidadão burguês de classe média que observa e encanta-se com os esforços empreendidos por Gatsby para ocupar o lugar social que almeja junto com sua amada Daisy.

Os Estudos Culturais (Hall, 2003) alertam para as diferentes leituras possíveis para textos particulares de literatura, o que depende muito das experiências prévias de leitura. Categorias como etnia, gênero, raça e classe social são construídas histórica e culturalmente também através de textos literários. A literatura é assim uma prática social que dialoga com outras áreas de estudo, o que permite que projete modelos de identidade nacional baseados em totalizações simbólicas que englobam as categorias de pertencimento mencionadas (gênero, raça, etnia e classe social). Nesse sentido, o propósito do presente artigo é analisar a constituição identitária de personagens da obra literária elencada no que tange à categorização de etnia e classe social, observando as relações de poder entre eles, vinculadas, na obra, a espaços geográficos.

1. POLARIDADES E ETNIAS

This is the Valley of Ashes- a fantastic farm where ashes grow like wheat into ridges and hills and grotesque gardens; where ashes take the forms of houses and chimneys and rising smoke, and, finally, with a transcendent effort, of ash-gray man, who move dimly and already crumbling through the powdery air (FITZGERALD, 1975, p. 29).

Polaridades espaciais como Leste e Oeste, Nova York e o Vale das Cinzas são analisadas como campos semânticos que ligam metonimicamente o significado físico e geográfico a uma teia mais ampla de sentidos. Os nomes dos lugares

representados no romance *The Great Gatsby* carregam uma ideia de espaço que vai além de uma simples perspectiva de referência geográfica. Membros de distintas classes ocupam distintos espaços nos Estados Unidos de Fitzgerald. Todos os personagens principais são brancos, porém o romance apresenta uma tensão racial como o resultado de analogias entre raça, classe social e poder. Há a visível presença de um desconforto no mundo ficcional do romance frente a outras culturas e identidades que não são brancas, nem de classe alta.

De acordo com Kenan Malik (2001), o conceito racial em tempos vitorianos era uma descrição de diferenças étnicas que também envolviam diferenças de classe social. O conceito de raça foi desenvolvido como um modo de explicar a persistência de divisões sociais na sociedade ocidental. Havia a crença de que o destino de diferentes grupos sociais era moldado pelo menos em parte por suas propriedades intrínsecas. O que transformou a noção romântica de diferença em racismo foi sua aliança com uma filosofia positivista e cientificista. Para os positivistas, a desigualdade social era determinada por leis naturais e as distinções raciais estavam associadas a desigualdades sociais. As separações em classes sociais permaneceriam imutáveis, ou seja, as divisões sociais passaram a ser vistas como naturais. A ideologia racial foi consequência da persistência de diferenças observadas entre classes e condições socioeconômicas.

Os tempos modernos presenciaram uma mudança de paradigma que identificava o peso da questão cultural nas diferenças sociais, o que trouxe um esvaziamento do conceito de raça e o conceito de etnia passou a ser considerado. O termo etnia provém do grego “ethnos”. Malik afirma que no contexto americano, o termo “raça” ficou vinculado à cor da pele, enquanto “etnia” possui vinculação maior com aspectos culturais. A cultura americana foi formada a partir da influência dos primeiros imigrantes, no entanto, os do período de Fitzgerald passaram a ser recebidos com maior hostilidade, principalmente durante o declínio da economia americana na década de 20.

No romance em questão, apenas o vilão menciona explicitamente o preconceito étnico e racial. Tom é um jogador de futebol de New Haven, “a national figure in a way, one of those men who reach such an acute limited excellence at twenty-one that everything afterward savors of anti-climax. His family was enormous wealthy” (FITZGERALD, 1975, p. 12). Tom é racista e seu preconceito se estende para com as classes menos favorecidas economicamente ao afirmar: “Nowadays people begin by sneering at family life and family institutions and next they’ll throw everything overboard and have intermarriage between black and white” (FITZGERALD, 1975, p. 136). O que Tom chama de civilização está associado aos privilégios de sua classe social que ele tenta proteger da interferência dos chamados “novos ricos”, proprietários e donos do dinheiro, porém sem uma tradição familiar para sustentar: “Flushed with his impassioned gibberish [Tom] saw himself standing alone on the last barrier of Civilization” (FITZGERALD, 1975, p. 136). Além disso, Tom é descrito como arrogante e cruel:

[...] a sturdy straw-haired man of thirty, with a rather hard mouth and a supercilious manner [...] shining arrogant eyes that established dominance over his face and gave him the appearance of always leaning aggressively forward, [...] the enormous power of that body... a cruel body... His voice: a gruff husky tenor, added to the impression of fractiousness he conveyed (FITZGERALD, 1975, p.13).

A concepção de civilização de Tom está baseada em uma implícita hierarquia e a única relação que considera possível entre black and white é a de subordinação. O termo “black” se estende para todos os outros grupos étnicos que não descendem de puritanos que ele considera fundadores da nação, ou seja, é usado como referência aos “outros”.

“Civilization is going to pieces” broke out Tom violently. “I’ve gotten to be a terrible pessimist about things. Have you read *The Rise of the Colored Empires* by this man Goddard? [...] Well, it’s a fine book and everybody ought to read it. The idea is if we don’t look out the white race will be utterly submerged. It’s all scientific stuff, it’s been proved [...] It is up to us, who are the dominant race, to watch out or these other races will have control of things” (FITZGERALD, 1975, p. 19-20).

O conceito de raça apresentado está intrinsecamente relacionado à representação de lugar e classe social que denotam um ideal de pertencimento. No seguinte trecho, temos o contraponto desse discurso na voz do narrador do romance, Nick Carraway: “There is something pathetic in [Tom]’s concentration, as if his complacency, more acute than that of odd, was not enough to him anymore” (Ibid. p. 20). O narrador sugere que Tom está pronto para agir com o objetivo de salvar sua “civilização”. Para Tom, Gatsby era simbolicamente “não-branco” por não pertencer à elite anglo-saxã americana. Tom classifica os personagens em categorias: “This idea is that we’re Nordics. I am, and you [Nick] are, and you [Jordan] are and – after an infinitesimal hesitation he includes Daisy with a slight nod [...] (FITZGERALD, 1975, p. 20).

Para o crítico literário Handley (2002), a categoria de raça para Tom não depende de nacionalidade, nem de biologia ao afirmar que “a falha de Gatsby aos olhos de Nick e Tom é causada por um acidente de nascimento: seu nome era James Gatz e era de Dakota, filho de uma pobre família de imigrantes” (HANDLEY, 2002, p. 165). A narrativa sugere que embora tenha dinheiro, Gatsby não poderia mudar seu passado e, conseqüentemente, não poderia encontrar um lugar no lado Leste da sociedade americana.

Há outros momentos da narrativa em que a questão racial se manifesta. Quando Daisy fala sobre o nariz do açougueiro, ironiza-o expondo o preconceito. “Do you want to hear about the butler’s nose? [pergunta Daisy] ‘That’s why I came over tonight’ [responde Nick] (FITZGERALD, 1975, p. 20). Nick expõe o preconceito racial de Tom e Daisy, mas não deixa explícito o que pensa sobre o assunto racial. Seu preconceito aparece no modo em que descreve as características dos personagens. Descreve o amigo de Gatsby chamado Mr. Wolfshiem como “a flat-nose Jew” (FITZGERALD, 1975, p. 75), com um sotaque estranho: “He is an Oggsford man” (FITZGERALD, 1975, p. 78).

O preconceito de Nick aparece implícito em seu sarcasmo nesse exemplo em que está surpreso com um motorista branco trabalhando para negros:

As we crossed Blackwell’s Island a limousine passed us, driven by a white chauffeur, in which sat three modish Negroes: two bucks and a girl. I laughed aloud as the yolks of their eyeballs rolled toward us in a haughty rivalry.

Anything can happen now that we've slid over this bridge, anything at all [...]. Even Gatsby could happen, without any particular wonder (FITZGERALD, 1975, p. 75).

A visão de Nick é considerada um sintoma de fantasia, fica explícita a questão racial na cena em que inclusive chama os homens negros de “bucks”. No trecho destacado, há um paralelismo entre os negros e Gatsby. O ato de cruzar a ponte é como uma entrada em um mundo de fantasia em que negros podem ocupar uma posição de “vantagem” e até Gatsby com todas as suas características exóticas pode alcançar a posição que ele almeja ao lado de Daisy. No entanto, Gatsby acaba sendo “eliminado” do universo da narrativa ao ser assassinado no final da trama. Tom, Jordan, Nick e Daisy permanecem vivos. Há a sugestão de que Gatsby não pertence ao grupo, é um outsider. Nas oposições binárias estabelecidas no romance constata-se, portanto, que a categoria de “raça” está associada à “classe social”.

2. CLASSE SOCIAL

A classe social é estabelecida através de relações hierárquicas entre pessoas. Nos termos de William Handley, “enquanto antropólogos, historiadores e sociólogos identificam a classe comou uma estrutura social emergente da Pré-história, a ideia de classe social entrou no léxico linguístico da língua inglesa em torno de 1770” (2002, p. 32, tradução minha). O sistema de classes estava baseado em ocupações, status econômico, riqueza, propriedades, costumes, estilo e refinamento cultural. As distinções sociais e históricas ainda são principalmente aquelas entre os que controlam os meios de produção e os que produzem bens e serviços na sociedade. Enquanto Karl Marx acreditava que a estrutura econômica é a base da sociedade, Fredric Jameson (1986) menciona a importância da cultura e da literatura como artefatos culturais. Nesse sentido, textos literários são investimentos ideológicos. Dessa forma, personagens representam grupos sociais incorporando e atendendo aos interesses desses grupos específicos.

O romance de Fitzgerald desmistifica a idealizada sociedade norte-americana, apresentando o desejo manifesto dessa sociedade de encontrar estabilidade financeira e status quando grande parte da população encontrava-se presa a um universo de falta de recursos (década de 1920). Ao criar personagens como o milionário Tom Buchanan e sua esposa Daisy, o autor apresenta a personagem feminina presa a uma imagem idealizada de casamento, enquanto o masculino luta para manter cada um em sua posição social original, ou seja, no universo de Tom, a pessoa nasce pertencendo a uma determinada classe social e nela deve se manter. A posição social de uma pessoa é, assim, determinada pelo seu nascimento, o que mantém uma hierarquia entre pessoas. Seu discurso envolve a ideologia imperialista. Nos termos de Handley “O modelo convencional da cultura imperialista presume a existência de uma pura, homogênea e autêntica cultura, que se torna corrompida pela influência estrangeira” (2002, p, tradução minha). Gatsby, nesse contexto, é o antagonista de Tom e representa a influência estrangeira por ser um jovem milionário que esconde a origem de sua fortuna vinculada ao contrabando de bebidas, bem como, seu local de nascimento. Seu objetivo é recriar seu passado, corrigindo o que considera um erro: sua origem humilde, filho de uma classe desfavorecida economicamente.

No outro lado da escala social, temos George Wilson e sua esposa Myrtle, que é a amante de Tom. Myrtle também luta por ascensão social, assim como o narrador Nick, filho de uma classe média burguesa. No universo do romance representado, membros de distintas classes sociais ocupam distintos espaços na geografia dos Estados Unidos. East Egg, West Egg e o Vale das Cinzas são os três principais cenários no romance. A cada espaço pertence uma classe social com seu código próprio de comportamento. A cidade de Nova York e Middle West são caracterizadas como místicas, violentas, corruptas e urbanizadas. Estão em oposição a um ambiente pastoral, rural. Nesse sentido, os cenários determinam as ações mais do que os personagens.

East Egg é caracterizada por termos como “palace”, “tower”, “princess” e “gold”. A cor predominante é o branco, o que sugere conexão com uma dominação branca e anglo-saxã. É o local por excelência da classe social aristocrata de origem puritana que acredita em seu direito divino de manter seus privilégios, estabelecendo fronteiras e evitando as interferências de outras classes e etnias. É o local de Daisy, Tom e Jordan.

Por outro lado, West Egg está descrito como um lugar sinistro em que vivem os novos ricos com suas ambições como é o caso de Gatsby. O Vale das Cinzas é o espaço para os pobres, os subordinados. É o local onde reside a amante de Tom, Myrtle. Ela ultrapassa seu espaço quando tenta avisar Daisy de que é amante do seu marido. Tom bate e quebra seu nariz para mostrar-lhe qual é seu lugar. Como ela não se conforma e continua tentando alertar Daisy, correndo em direção ao carro que ela está dirigindo, acaba passando dos limites permitidos nesse esquema social e é assim punida sendo atropelada por Daisy.

As pessoas do Vale das Cinzas trabalham para manter a sociedade de East Egg. Nesse sentido, o marido de Myrtle é o mecânico que atende Tom consertando seu carro. Como trabalham para a manutenção de uma estrutura social maior, apenas vivem para ocupar uma função social. Quando transgridem o espaço a eles destinado são punidos. George lamenta a morte de sua esposa e se culpa por não ter conseguido o dinheiro que ela merecia. Na sociedade regida pelo deus do dinheiro, Tom “has got some woman in New York” (FITZGERALD, 1975, p. 21), ou seja, em seu contexto, alugara a esposa de George, fato que ela mesma não havia compreendido. Essa atitude recebe a desaprovação moral de Nick, embora aumente a popularidade de Tom, pois era esperado de um homem em sua posição social que tivesse uma amante. Isso só se torna um problema quando essa mulher, no caso Myrtle, resolve interferir na vida doméstica de Tom com sua esposa Daisy. Nesse ponto, é imperativo para Tom se livrar dela. Nick sarcasticamente ironiza a situação de Tom: “His wife and his mistress, until an hour ago secure and inviolate, were slipping precipitously from his control” (FITZGERALD, 1975 p. 131).

Na opinião de Nick, a categoria de classe social distingue Tom e George. Como membro de uma classe social alta, Tom não teme ninguém. Está completamente seguro sobre si mesmo em sua posição social. Acredita que faz parte do grupo “eleito” para controlar o mundo. Não há espaço para a culpa no universo de Tom. Por outro lado, George é morador do Vale das Cinzas, uma terra estéril. Não teve filhos e, no primeiro momento, acredita que os olhos da divina providência vão trazer vingança pela morte de sua esposa Myrtle. No entanto, percebe que nada acontecerá se não agir por si mesmo. Não possui descendentes, nem futuro, nada a perder. Antes de morrer, sua esposa o chamara de covarde e ele decide tomar uma atitude. Desse modo, resolve matar o motorista do carro que assassinara sua

esposa. Equivocado, acaba salvando quem assassinara sua esposa, no caso Daisy. Por outro lado, encontra o carro que atropelara Myrtle na garagem de Gatsby por indicação de Tom e mata Gatsby com um tiro. Seu ato sugere que pessoas pobres são facilmente manipuladas para agirem permitindo que as ricas fiquem impunes pelos seus atos. Assim, George acaba auxiliando os que o prejudicaram e mataram sua esposa, pois não fora capaz de estabelecer as conexões adequadas entre os eventos para compreender o que aconteceu: que Daisy dirigia o carro de Gatsby no momento do atropelamento. Tom, por outro lado, percebe o contexto e consegue se livrar de Gatsby e de George, do amante de sua esposa e do marido de sua amante. Ao final, está livre de qualquer responsabilidade e arrependimento. Há liberdade apenas para os donos do dinheiro no romance de Fitzgerald. Nick considera:

I couldn't forgive him [Tom], but I saw that what he had done was, to him, entirely justified [...], they [Tom and Daisy] smashed up things and creatures and then retreated back into their money, or whatever it was that kept them together, and let other people clean up the mess they had made [...] (FITZGERALD, 1975, p. 186).

Os outros “outsiders” são a classe média, os de Middle West. Sonham com a possibilidade de mobilidade social e se envolvem inclusive em atividades ilícitas para alcançar sucesso econômico. Gatsby e Nick são desse tipo. Ambos são descendentes de uma ambiente provinciano e tentam pertencer ao ambiente urbano da alta classe que é o espaço idealizado na narrativa antes de ser completamente desmoralizado pelo ponto de vista de Nick. Ambos (Nick e Gatsby) desejavam viver no leste, no entanto, após o assassinato de Gatsby, Nick está desiludido com o espaço geográfico chamado de leste.

Gatsby alugara uma mansão em West Egg, pois não possuía status para morar em East Egg. Criara um passado fantasioso para si mesmo, embora seja filho de um família de agricultores. Esse fato é revelado apenas quando o pai de Gatsby aparece em seu funeral. Ambos, Nick e Gatsby, percebem a necessidade de pertencer a uma tradição para aspirarem a um lugar no leste. Nesse ponto, Nick compreende que Gatsby construíra seu passado para ter uma chance com Daisy e com o espaço social dela.

A narrativa sugere que o futuro dos personagens é determinado pelo passado. Como Gatsby não pode mudar seu passado, também seu previsível futuro não pode ser modificado. Quando Gatsby é enterrado, Nick volta para o Oeste. Portanto, a mobilidade social no romance está limitada por barreiras identitárias que envolvem categorias como classe social e etnia. A narrativa nos instiga a refletir sobre as projeções frente às diferenças de classe apresentadas. Gatsby, em uma de suas festas, chamara um pianista chamado Klipspringer que cantava:

One thing's sure and nothing's surer

The rich get richer and the poor get children.

In the meantime,

In between time (FITZGERALD, 1975, p. 102).

Ao observar Daisy e Tom, depois de terem provocado a morte de Myrtle e Gatsby, respectivamente, Nick revela que parecem estar conspirando juntos:

Daisy and Tom were sitting opposite each other at the kitchen table [...]. He was talking intently across the table at her, and in his earnestness his hand had fallen upon and covered her own. Once in a while she looked up at him and nodded in agreement.

They weren't happy, and neither of them had touched the chicken [...] and yet they weren't unhappy either. There was an unmistakable air of natural intimacy about the picture and anybody would have said that were conspiring together (FITZGERALD, 1975, p. 152).

Nesse contexto, o pesquisador Handley afirma: "Americanos direcionaram sua violência uns contra os outros, lutando por mobilidade social, em um nível mais sutil, Fitzgerald tenta explicar na ficção as causas dos desapontamentos domésticos" (2002, p. 198, tradução minha). Na narrativa, os desapontamentos estão vinculados a um romântico desejo de mobilidade social.

CONCLUSÃO

Os Estudos Culturais operam com a ideia de que há diferentes leituras possíveis para textos e que a interpretação depende de níveis de leitura. Etnia, gênero e classe social são categorias construídas historicamente também através da literatura. Nesse sentido, os Estudos Culturais concebem a literatura como uma prática social que dialoga com outras áreas de estudo. Estudar diferenças culturais não é apenas identificá-las em textos, mas também questionar, iteragir no processo de formação identitária de leitores. A questão é que somos configurados e até controlados por padrões culturais vinculados às línguas que conhecemos. Nesse contexto, torna-se tão necessário rever textos canônicos como *The Great Gatsby* para observar os valores e discursos que ele pode propagar.

No contexto na narrativa estudada, não há rompimento das normas do status quo. Há personagens almejando ascensão social, status e dinheiro. Gatsby é um deslocado, pois fracassa quando tenta criar para si mesmo um passado idealizado para alcançar o objetivo de se casar com Daisy, uma aristocrata, o que elevaria seu patamar social.

As barreiras étnicas e de classe não são rompidas na narrativa. Nick fica desiludido, porém não desafia a estrutura social, nem realmente questiona as convicções preconceituosas de Tom, muito menos a obsessão de Gatsby por Daisy e sua condição social. No final, Nick volta para sua casa no Oeste compreendendo que não há reconciliação possível entre idealismo e materialismo na América, tampouco rejeita o materialismo. Apenas volta para suas origens carregado de uma desilusão frente ao Leste, à complexidade, imoralidade e vazio existencial percebido junto ao espaço social reservado para a classe alta americana, a qual personagens como ele e Gatsby não podem pertencer.

No romance, a classe menos favorecida economicamente sofre a violência provocada pela irresponsabilidade da alta classe. Quando personagens tentam transgredir os limites de seu espaço social acabam sendo punido(a)s pela transgressão, ou seja, o pertencimento a uma determinada classe social restringe a mobilidade geográfica. O romance acaba enaltecendo o Oeste. A mobilidade em

direção ao oeste também significa um direcionamento ao passado, ao imaginário que projeta uma idealização do passado nacional americano. Nesse contexto, *The Great Gatsby* é uma história do Oeste, lembrando que metonimicamente o Oeste representa o Ocidente e, nesse contexto, os Estados Unidos da América. Nos termos de Nick: “I see now that this has been a story of the West” (FITZGERALD, 1975, p. 183).

As polaridades espaciais Leste e Oeste, Nova York e o Vale das Cinzas, o urbano e o rural são cenários de carga semântica que ligam metaforicamente o significante geográfico a uma rede mais ampla de sentidos. Desse modo, busquei analisar a relação entre classe social e etnia no romance, destacando o fato de que o objetivo de Gatsby era conseguir mobilidade social, no entanto, suas origens humildes levavam a crer que provavelmente era de origem estrangeira, etnicamente diferente de Tom, Daisy, Jordan e Nick. No universo de Fitzgerald, essa situação impossibilitava-o de atingir seu objetivo por ser um outsider em relação à elite norte-americana.

Outra categoria sugerida para investigação é a de gênero, tendo em vista que a obra é baseada em um modelo edipiano em que o masculino está associado a uma ideia de herói, sujeito, agente, enquanto o feminino aparece associado a um “espaço que é também uma barreira, um obstáculo a ser ultrapassado, ou seja, um objeto”. (VOGT, 2006, p. 20, tradução minha). Cabe ao narrador Nick julgar as atitudes dos personagens. Nesse julgamento baseado no ponto de vista masculino, a construção das distintas identidades está baseada em limitações de gênero que merecem estudo mais aprofundado. O seguinte trecho é um indício de que a paixão romântica de Gatsby em relação a Daisy estava pautada em uma projeção de si mesmo como sujeito, enquanto Daisy é o objeto a ser conquistado ou a escada que poderia levá-lo à ascensão social:

Out of the corner of his eye Gatsby saw that the blocks of the sidewalks really formed a ladder and mounted to a secret place above the trees - he could climb to it, if he climbed alone, and once there he could suck on the pap of life (FITZGERALD, 1975, p. 118).

Os personagens de Fitzgerald, no romance, estão, portanto, profundamente comprometidos com seus locais e posições sociais de origem, o que denota a idealização de uma escalada social como mera fantasia romântica não concretizada no universo da narrativa.

AGRADECIMENTO

O presente trabalho foi realizado com o apoio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Feliz.

The Great Gatsby: ethnicity and social class

ABSTRACT

Literature shapes social behaviors, as well as socio-ideological classification into categories such as gender, social class, and ethnicity. These representations potentially feed or question prejudices in relation to the identification provoked in reader(s). In this context, I analyze the American novel *The Great Gatsby* that marked the 1920s as a representative work of upper-middle-class culture in the United States. Although its characters are predominantly white, the novel reflects a sensitivity in the perception of differentiations in the way in which different social groups find their space in the extradiegetic universe. In the novel, there is a narrative tension involving social class, ethnicity and power, categories that will be analyzed according to the assumptions of Cultural Studies (HALL, 2003) through a literature review on the theme. According to Handley "Fitzgerald's Americans are highly conscious of ethnic and class differences" (2002, p. 161). It is observed that the novel has an identity characterization that is projected as ideal and expresses discomfort in the presence of other cultures and identity formations that do not belong to the white, male, heterosexual, and American upper-middle class. The eyes of the novel are those of the narrator Nick and it is his point of view that prevails. It is of fundamental importance to observe its way of articulating the narrative. Therefore, the first part of the article deals with issues related to ethnicity and the second addresses the social class as a category of analysis. It concludes by proving that, in the novel, there is the idealization of a certain pattern referring to ethnicity and social class, categories that appear linked to the representation of space in the novel.

KEYWORDS: *The Great Gatsby*. Ethnicity. Social class. Gender.

REFERÊNCIAS

FITZGERALD, F. Scott. *The Great Gatsby*. Harmondsworth: Penguin Books, 1975.

JAMESON, Fredric. *The Political Unconscious: Narrative as a Socially Symbolic Act*. Ithaca: Cornell University Press, 1986.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Liv Sovik (Org.). Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HANDLEY, William R. *Marriage, Violence and the Nation in the American Literary West*. New York: Cambridge University Press, 2002.

MALIK, Kenan. *The Changing Meaning of Race*. Oxford University, Department of Continuing Education. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 2001. Disponível em: <[html://www.kenanmalik.com/lectures/race_oxford.1.html](http://www.kenanmalik.com/lectures/race_oxford.1.html)>. Acesso em: 16 out., 2020.

VOGT, Loiva Salete. *A Study about The Great Gatsby as a National Allegory*. 2006. 104 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Inglesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

Recebido: 23 mar. 2024

Aprovado: 20 nov. 2024

DOI: 10.3895/rl.v26n48.13970

Como citar: VOGT, L.S. *The Great Gatsby: etnia e classe social*. *R. Letras*, Curitiba, v. 26, n. 48, p. 110-120, jan./jun. 2024. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

Direito autor: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

